



APÁTRIDAS OU INTER-RACIAIS: RELAÇÕES INTERCULTURAIS NA LITERATURA DE MBOMÍO E LAUREL

COUNTRYLESS OR INTERRACIAL: INTERCULTURAL RELATIONS IN MBOMÍO AND LAUREL LITERATURE

Ana Laura Furtado Pachecoⁱ

RESUMO – A escravidão e a colonização são eventos históricos que, indiscutivelmente, deixaram marcas indelévelis tanto nos povos colonizados quanto nas nações colonizadoras. Como as duras sequelas causadas pela escravidão e colonização se refletem em autores de literatura escrita em línguas como o inglês e o espanhol? Tais obras carregam características tanto da metrópole quanto da ex-colônia? Em que lugar a literatura escrita por autores de dupla nacionalidade e ascendência africana é colocada? Como o sentimento de pertencimento a uma cultura é transferido para a escrita dos autores? Como a comunidade hispanófono enxerga a literatura de autores como Lucía Mbomío e Juan Laurel? As obras de tais autores alcançam visibilidade perante as culturas

consideradas dominantes, ou são colocadas à margem da literatura produzida pelas mesmas? Este estudo responde a essas questões e discute, ainda, o sentimento de ser apátrida, de não se enxergar como pertencente a nenhuma cultura, partilhado pelos autores e personagens de *The Gurugu Pledge* e *Hija del camino*.

PALAVRAS-CHAVE – literatura e colonização; literatura inter-racial; entre-lugar; Lucía Mbomío; Juan Laurel.

ABSTRACT – Slavery and colonization are historical events that undoubtedly left indelible marks on both colonized peoples and colonizing nations. How do slavery and colonization cause the hard sequels reflected in authors of literature written in



languages such as English and Spanish? Do such works carry characteristics of both the metropolis and the former colony? Where is literature written by authors of dual nationality and African descent placed? How is the feeling of belonging to a culture transferred to the authors' writing? How does the Spanish-speaking community see the literature of authors such as Lucía Mbomío and Juan Laurel? Do the works of such authors reach visibility before the cultures considered dominant, or are they

Introdução

As relações entre populações de culturas distintas existem desde o início das civilizações. As trocas entre os diferentes povos enriquecem o contato social e permitem a diversificação nos mais distintos campos, tais como: cultural, comercial, alimentício, educacional, religioso e espiritual.

Ademais, as fronteiras entre os países tornam-se mais fáceis de serem transpostas e, conseqüentemente, o horizonte amplia-se. O intercâmbio cultural permite que o conhecimento atravesse as barreiras físicas que separam os povos devido às divergências linguísticas, culturais, tradicionais e religiosas.

Como resultado do encontro entre civilizações diversas ocorre o aparecimento de populações mestiças que carregam traços culturais, fenotípicos e genotípicos herdados de suas duas raízes distintas, assim como o Brasil. Autores como Gilberto

placed on the margins of the literature they produce? This study answers these questions and discusses the feeling of being stateless, of not seeing oneself as belonging to any culture, shared by the authors and characters of *The Gurugu Pledge* and *Hija del camino*.

KEYWORDS - literature and colonization; interracial literature; “entre-lugar”; Lucía Mbomio; Juan Laurel.

Freyre (2010), Néstor Garcia Canclini (2015), Silviano Santiago (2019) teorizam e conceituam os povos de culturas miscigenadas como híbridos, mestiços, ou habitantes do entre-lugar.

Há que se ter em mente que os intercâmbios culturais não tiveram sua origem durante os processos de colonização realizados pelos países europeus a partir do século XV.

Muito antes de sua ocorrência, as culturas diaspóricas iniciaram sua imigração em direção a novas terras e se integraram a seus povos, originando novas civilizações com características, costumes e manifestações artísticas únicas.

Esse processo foi intensificado pela colonização e pela escravidão, eventos históricos que contribuíram para a subjugação – posteriormente agravada pela globalização – das populações colonizadas às colonizadoras. Então, compreende-se que a mestiçagem, a hibridização de culturas



não aconteceu de forma natural e espontânea, mas através da força física e imposição de valores.

As populações de cultura híbrida trazem consigo as marcas da colonização e da escravidão. Esses povos, por apresentarem culturas híbridas, convivem com a estigmatização e o sentimento de não pertencimento nem a uma cultura e nem a outra.

Embora portem elementos de ambas culturas que os formaram, expressam também, suas características próprias. Desse modo, são considerados o outro, o terceiro, e enxergados, de forma pejorativa, como apátridas, como cidadãos sem pátria, aqueles que não são habitantes nem de uma pátria ne de outra.

Esse sentimento reflete-se em suas manifestações artísticas e culturais, como na literatura. Portanto, o objetivo do presente artigo é estabelecer um paralelo entre as obras *The Gurugu Pledge*, de Juan Laurel (2017) e *Hija del Camino*, de Lucía Mbomío (2019). Os temas discutidos nessa análise dizem respeito às marcas da colonização e da escravidão recorrentes na escrita de autores de língua espanhola e/ou inglesa e ascendência africana. É debatido, também, como as cicatrizes provocadas por esses dois fatos históricos são refletidas em suas obras.

Qual seria o lugar ocupado pela literatura desenvolvida por escritores de dupla nacionalidade, como Laurel e Mbomío? Como essa literatura é vista pelos países colonizadores? Quais sentimentos – em

relação à nacionalidade e pertencimento a uma cultura – os autores transferem para sua escrita? A literatura produzida por autores africanos, nas línguas das nações colonizadoras, alcança visibilidade perante as culturas ditas dominantes?

A próxima seção apresenta os autores e um resumo crítico das duas obras analisadas. Na subdivisão seguinte encontra-se um paralelo analítico entre os romances, no qual, as questões supracitadas são respondidas à luz de autores como os já mencionados Gilberto Freyre (2010), Néstor Garcia Canclini (2015), Silviano Santiago (2019), além de Ana Zapata-Calle (s/d), Martin Repinecz (2019).

São apresentadas discussões e diferentes conceitos no que tange à formação de culturas híbridas, mestiças e como o conjunto de elementos do caráter desses povos se reflete em suas manifestações artísticas, como a literatura.

Logo em seguida, estão as considerações finais acerca da análise comparativa dos dois romances, que aponta para a escrita literária – a qual reflete sobre a existência de seus autores – enquanto uma eterna busca pela identidade e pela sua afirmação enquanto sujeitos interraciais que transitam, portanto, entre duas nacionalidades distintas.

Por conseguinte, a literatura pode ser compreendida como a própria travessia de seus autores, como o caminho que percorrem durante toda a sua existência, procurando se encontrar e se reconhecer em meio a duas culturas tão distantes entre si. Por fim, há a referência bibliográfica



consultada como fonte de reflexões para a o desenvolvimento do artigo.

As obras

The Gurugu Pledge

Juan Tomás Ávila Laurel nasceu e viveu na Guiné Equatorial até 2011, quando entrou em greve de fome em protesto contra os ferrenhos métodos do regime político. Desde então, vive em exílio na Espanha. Protestar publicamente frente a um sistema de governo embasado na tirania demonstra um ato de extrema coragem pessoal. Coragem que se estende para a escrita de seu livro *The Gurugu Pledge* (2017).

A trama, que oferece uma leitura dinâmica, rica em humor, narrativas sutis e surpresas elípticas, conta a história de um grupo de africanos que tenta chegar à Europa a partir do Marrocos. Todavia, eles acabam sitiados por uma cerca de arame farpado e pela polícia florestal espanhola na fronteira do país.

Os exilados somam cerca de 500 pessoas organizadas em grupos que se abrigavam em cavernas, separados pela barreira da língua (uns não compreendiam o idioma dos outros) em uma terra inóspita, na qual cozinhavam e comiam unicamente com o objetivo de sobreviver. O narrador, ao invés

de contar sua história, dá a palavra aos companheiros, como revela o excerto a seguir:

If I'd open my mouth to tell my tale to the other residents, no one else would have the chance to speak. Besides, I didn't want to recount anything as painful as my story, given the situation we were in. I didn't think it right that my story, or rather the story of what happened in a school where I'd taught, be told in residence, even though it was the reason I was there [...] I think I did right. Talking about that school would have done nothing for the spirit in the camp (LAUREL, 2017, p.176).¹

Assim, várias vozes contam as circunstâncias que os levaram ao exílio. Relatos tristes e engraçados das vidas dos personagens se misturam às narrativas de sobrevivência no presente: “So I waited for others to tell their stories and I enjoyed listening to them, specially the ones that brought a little cheer, until the time came to leave the camp” “Então, eu esperei que os outros contassem suas histórias e eu gostei de ouvi-los, especialmente aqueles que trouxeram alguma alegria até chegar a hora de deixar o acampamento (LAUREL, 2017, p.176, tradução nossa). São histórias de indivíduos provenientes de diversos países africanos, tais como Mali, Nigéria, Gambia.

¹Se eu abrisse a boca para contar minha história aos outros residentes, ninguém mais teria a chance de falar. Além disso, eu não queria contar nada tão doloroso quanto a minha história, dada a situação em que estávamos. Não achei certo que a minha história, ou melhor, a história do que aconteceu em uma

escola onde eu lecionei, fosse contada naquele local, mesmo sendo esse o motivo de eu estar lá [...] acho que fiz certo. Falar sobre aquela escola não teria feito nada pelo espírito do acampamento. (LAUREL, 2017, p.176, tradução nossa).



O texto de Laurel apresenta elementos de uma ficção distópica: um mundo irracionalmente cruel, obstáculos impossíveis de serem transpostos, colapso da ordem social, falta de água e comida – o que é a realidade para muitas pessoas em situação de exílio. O livro traz, também, de certa forma, a narrativa de um continente se esvaziando paralelamente a um estudo psicológico individual dos diferentes motivos que levaram as pessoas a buscarem vidas alternativas, como mostra a passagem na qual o jornalista indaga os exilados e parece desejar entrar em suas mentes:

We couldn't all talk at once, so one of the French speakers went first and began to tell story from his particular perspective. The journalist went on asking questions, he seemed like a good person, and that brother asked as best as he could. But the visit wasn't just the journalist asking questions and us answering them, he also wanted to try and get inside our heads, to try to understand why we persisted in our goal, time and time again (LAUREL, 2017, p.177-178).²

Por conseguinte, é possível compreender que, no cerne desse livro, há um uivo que ecoará na mente de seus leitores. O narrador busca um lugar, uma terra, onde as pessoas

² Não podíamos falar todos ao mesmo tempo, então um dos falantes de francês foi o primeiro a começar a contar a história a partir de sua perspectiva particular. O jornalista continuou fazendo perguntas, ele parecia uma boa pessoa, e aquele cara indagou o melhor que pôde. Mas a visita não foi apenas o jornalista fazendo perguntas e nós respondendo, ele também quis tentar entrar em nossas mentes, tentar entender por que persistimos no nosso objetivo, uma

tenham coração: “I decided to abandon the mountain, hoping there was still somewhere on this earth where people had a heart, but the truth is I didn't know where to head, for I ended up on Mount Gurugu by following destiny's trail” (LAUREL, 2017, p.177).³ Um lugar onde cada indivíduo possa ser respeitado enquanto sujeito, enquanto ser humano.

Hija del Camino

O livro *Hija del Camino* (2019), de Lucía Mbomío traz visibilidade para as mulheres de ascendência afro-hispânica. As personagens femininas carregam a força de suas ancestrais: mulheres brancas que se atreveram a casar com homens negros durante o franquismo – Regime político que se desenvolveu na Espanha sob a liderança do general fascista Francisco Franco, entre os anos de 1939 e 1975. Lucía, nascida em 1982, escreve sobre sua geração. O romance trata de questões identitárias, uma vez que a protagonista, Sandra, habita dois mundos: o de sua mãe, mulher branca e espanhola e o de seu pai, homem negro e guineo-equatoriano.

Assim, o seu sentimento de pertencimento se divide entre duas culturas distintas e, ao mesmo tempo, apresenta um

e outra vez (LAUREL, 2017, p.177-178, tradução nossa).

³ Eu decidi abandonar a montanha, esperando que ainda houvesse algum lugar nesta terra onde as pessoas tivessem coração, mas a verdade é que não sabia para onde ir, então, acabei no Monte Gurugu seguindo a trilha do destino (LAUREL, 2017, p.177, tradução nossa).



vazio identitário, relacionado ao não pertencimento a nenhuma delas. As duas jovens irmãs, Sandra e Sara sofrem com a questão da miscigenação. Sandra tem o cabelo trançado por sua amiga – a mãe branca não consegue fazer o penteado na filha – e, pela primeira vez, se sente bonita, como explicita o trecho: “Se le abrieron los ojos e la boca: por la primera vez se veía guapa. Le había hecho trenzas em zigzag em la parte de arriba, como si de una diadema se tratara, y le quedaba genial” “Arregalou os olhos e a boca: pela primeira vez se sentia bonita. Lhe fizeram tranças em zigue-zague na parte de cima da cabeça, como se fosse uma tiara, o que lhe caía muito bem.” (MBOMÍO, 2019, p.80, tradução nossa). A irmã Sara, que era considerada mais bonita, chamou a atenção do jovem guineense Nuno, por quem Sandra havia se apaixonado, como se lê no diálogo entre os dois:

- Tu hermana Sara.
- Sandra se quedó sin palabras.
- Ah, claro, normal! Dijo para disimular.
- Normal? – se sorprendió el.
- Si, es muy guapa. De hecho, es la guapa de las dos, je je.
- Bueno, tu también eres guapa, pero...⁴

⁴ – Tua irmã Sara.
Sandra ficou sem palavras.
– Ah, claro, normal! Disse para disfarçar.
– Normal? – se surpreendeu ele.
– Sim, é muito bonita. Na verdade, é a mais bonita das duas, he he.
– Bem, você também é bonita, mas...
(MBOMÍO, 2019, p.82, tradução nossa).

(MBOMÍO, 2019, p.82).

Sara, por sua vez, tem a pele mais clara e, conseqüentemente, não se vê como guineana. Por esse motivo, não se interessa por rapazes de pele escura, afirma que de negro já basta seu pai, como apresenta o diálogo entre as duas:

- A mí no me gustan los negros – explicó Sara com tranquilidad.
- Pero sí, tú eres negra! – Sandra temió que lo vivieron com el asesinato de Lucrecia se le hubiera olvidado...
- Sí, lo soy. E que? Por eso tienen que gustarme? Estoy acostumbrada a ver a chicos blancos, salvo los quince días que pasamos en este campamento, así que prefiero sus rasgos (MBOMÍO, 2019, p.83).⁵

Nesse sentido, as personagens lidam com o endorracismo, o racismo internacionalizado, o que, de acordo com Esther Pineda G. (2017), em **Racismo, endorracismo y resistència**, está relacionado à auto-rejeição da tipologia física de um grupo humano induzido pelo processo de consciência e colonização, o que as leva a almejar absorver tanto a cultura africana quanto a espanhola. Contudo, Sandra não se define como

⁵ – Não me agradam os negros – explicou Sara com tranquilidadidade.
– Mas sim, você é negra! Sandra temia que ela tivesse esquecido o assassinato de Lucrecia.
– Sim, sou. E daí? Por isso tenho que gostar deles? Estou acostumada a ver rapazes brancos, exceto pelos quinze dias que passamos neste acampamento, por isso prefiro suas feições (MBOMÍO, 2019, p.83, tradução nossa).



afrodescendente, mas como a habitante de um pequeno bairro de Madrid. Porém, seu fenótipo, que cai sobre ela como um estigma, denuncia sua origem mista: na Espanha é considerada negra e na Guiné é considerada branca, como deixa claro a descrição de suas características físicas:

Su frente amplia y curvada, que la acomplejaba tanto, quiedó al descubierto, pero también sus ojos com forma de almendra, su nariz ancha e sus lábios carnosos. Su resumen de dos mundos era ese y debía aprender a amarlo... de una vez (MBOMÍO, 2019, p.2019)⁶.

Portanto, o caminho percorrido por Sandra durante toda sua vida é pautado pela pergunta: Quem eu sou? O sentimento de angústia perante sua identidade mista reflete-se na passagem: “Había viajado mucho, pero en el lugar que siempre había considerado su verdadera tierra estaba perdida” (MBOMÍO, 2019, p.302)⁷.

O conflito existencial da personagem é perpassado pelo endorracismo a todo momento. Os guineenses são educados para não valorizarem outros guineenses, o que comprova que os habitantes de um mesmo país não se sentem um povo, não

⁶ Sua testa larga e curva, que a deixava tão constrangida, foi revelada, mas também seus olhos amendoados, seu nariz largo e seus lábios carnudos. Seu resumo de dois mundos era esse e ela teve que aprender a amá-lo... de uma vez por todas (MBOMÍO, 2019, p.80, tradução nossa).

⁷ Havia viajado muito, porém, no lugar que sempre considerou como sua verdadeira terra, estava perdida (MBOMÍO, 2019, p.302, tradução nossa)”.

desenvolveram um laço de afeto que os une. O pai de Sandra e Sara é um exemplo da não identificação ou da não aceitação da própria identidade:

Las únicas lenguas a las que Antonio dio valor fueron las de las diferentes metrópolis. Tenía la mente colonizada. Consideraba que para que la vieran como un igual, tenía que perder toda la riqueza que le hacía diferente. Todas esas reflexiones se le colaron em el cérebro a Sandra, pero preferiríó dejarlas ahí por su *mi*, pero sobretodo por ella, que tenía a su padre tan idealizado como la própria Guinea (MBOMÍO, 2019, p.292)⁸.

Sobre Sandra recai, ainda, o fato de ser mulher e não branca em uma sociedade segregacionista, racista e sexista: “No quería ni le vería bien pensar más, solo deseaba descansar. Dejar de ser um rato mujer ntangan y negra” “Não queria mais pensar, só queria descansar. Deixar de ser, por um momento, mulher e negra” (MBOMÍO, 2019, p.303, tradução nossa).

Tais questões afetam sua autoestima feminina e se refletem em seu trabalho, desde a aceitação de um salário mais baixo do que o dos demais, e o incômodo por

⁸ As únicas línguas que Antonio valorizava eram as das diferentes metrópoles. Sua mente foi colonizada. Ele considerava que, para ser igual, deveria perder toda a riqueza que o diferenciava. Todas essas reflexões atravessavam o cérebro de Sandra, mas ela preferiu deixá-las lá, sobretudo porque teve o pai tão idealizado quanto a própria Guiné (MBOMÍO, 2019, p.292, tradução nossa).



parte de alguns colegas de profissão, já que sua postura é a de alguém que se coloca no entre-lugar, como pertencente a dois mundos distintos.

A ideia de entre-lugar presente neste artigo tem como base o conceito de Silviano Santiago (2019), desenvolvido em seu livro **Uma literatura nos trópicos**. Santiago estabelece o entre-lugar como ponto no qual emerge o terceiro elemento, o híbrido. É onde ocorre a criação de uma nova obra pela apropriação, digestão do texto primeiro, que se realiza nesse espaço de interação, de intersecção entre elementos culturais, linguísticos, religiosos e de todas as outras instâncias de troca entre duas culturas diferentes.

Análise comparativa entre os dois livros

As obras de Laurel e Mbomío trazem os conflitos de personagens que vivenciaram os efeitos da colonização e da escravidão em suas terras. Os descendentes dos povos escravizados carregam marcas que transformam suas vidas em todos os âmbitos, inclusive na cultura e literatura que produzem. Qual seria o lugar ocupado pela literatura desenvolvida por escritores de dupla nacionalidade, como Laurel e Mbomío? Como essa literatura é vista pelos países colonizadores? Quais sentimentos – em relação à nacionalidade e pertencimento a uma cultura – os autores transferem para sua escrita?

Conforme Jurgen Habermas (1996), em **A inclusão do outro**: estudos de teoria política, a noção de pertencimento a um

povo, a uma terra, a uma país está relacionada à

(...) uma ideia cuja força fosse capaz de integrar as consciências morais, com um apelo ainda mais forte aos corações e ânimos do que aquele exercido pela soberania popular e os direitos humanos. Essa lacuna é preenchida pela ideia de nação. É ela que torna consciente aos habitantes de um mesmo território a nova forma de pertença a um todo, política e juridicamente mediada (HABERMAS, 1996, p.129).

As obras supracitadas enfrentam questões como: pertencerem a duas nações distintas ou ocuparem o entre-lugar de dois povos diferentes; lidar com os sentimentos de autores que não se consideram nem totalmente guineenses nem espanhóis, o que gera a sensação de ser apátrida; a literatura como uma travessia, na qual a busca pela identidade acompanha a vida dos escritores e é transferida para a trama e personagens; o enfrentamento do preconceito por parte dos povos colonizadores que os classificam como cidadãos de segunda geração.

Gilberto Freyre (2020) entende que:

(...) a mestiçagem representa, ao mesmo tempo que um elemento de integração – porque a atitude idêntica para com o mestiço vem criando consequências de ordem social e cultural semelhantes –, um elemento de diferenciação e, por conseguinte, de criação, de iniciativa, de originalidade (FREYRE, 2010, p. 33).



Por conseguinte, o mestiço seria o terceiro, representaria o novo, aquele que não é nem africano nem europeu, mas alguém que traz consigo traços de ambos, que, combinados revelam uma outra identidade, a qual pode despertar a curiosidade, a admiração ou a estranheza por parte de quem a considera diferente. Nesse âmbito, José Miguel Wisnik coloca o mestiço, na situação de fronteira entre a inclusão e a exclusão e o vê:

(...) como a parte nem rejeitada nem admitida que guarda o segredo inconfessável do todo. Esse lugar é homólogo, por sua vez, àquele ocupado pelas músicas populares africanizantes, entre renegadas e sedutoras, índices irreprimíveis da vida brasileira, que se tornarão depois ícones festejados do Brasil moderno, e via privilegiada de sua simbolização (WISNIK, 2004, p. 38).

Ao utilizar a expressão “músicas populares africanizantes”, Wisnik refere-se ao samba, gênero musical nascido no Brasil e descendente de duas culturas diversas: a africana e a europeia. Assim como essa forma de expressão artística brasileira apresenta características de suas raízes distintas, que, somados aos seus próprios traços a tornam única, o mesmo acontece com a literatura africana de línguas espanhola e inglesa.

Sobre o termo apátrida, Lená Medeiros de Menezes (2018) em: **Refúgio no Brasil no Pós-Segunda Guerra: A Ilha das Flores** como lugar de acolhimento e representação do Paraíso assegura que:

Outra categoria que desperta atenção nas estatísticas da época é a dos “apátridas”, regra geral, proveniente da Europa centro-oriental, de fronteiras moventes desde o processo de desintegração dos Impérios Centrais e do Império Otomano(...) (MENEZES, 2018, p. 114).

Corroborando essa ideia, Manchak e Copi (2022), em seu artigo “O direito à nacionalidade dos apátridas em face do Princípio da Soberania” estabelecem que:

No entanto, é sabido que, ainda antes do início da Segunda Guerra Mundial, no lapso temporal ocorrido entre um conflito e outro, ocorreram inúmeras guerras civis que agravaram, ainda mais, o panorama da apatridia mundial. Arendt (1958 , p. 451) frisa que tais confrontos, além de cruéis, foram seguidos pela migração forçada de vários grupos de indivíduos, os quais, uma vez distantes de seu país originário, restavam sem lar e não eram assimilados por nenhum Estado, tornando-se, portanto, apátridas (MANCHAK, COPI, 2022, p.129).

A colonização deixou marcas inestinguíveis tanto nos povos colonizadores quanto nos habitantes das terras colonizadas. Tomando como base a declaração de Gilberto Freyre em **O mundo que o português criou: aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas**, a colonização, processo que desencadeou a formação do povo brasileiro através de mestiçagem, não pode ser compreendida como um evento



natural, mas como uma imposição por parte da cultura dominante – no caso, os portugueses – sobre os colonizados – indígenas locais e africanos trazidos forçadamente de seu continente:

A mestiçagem impôs-se entre nós como uma força física, diremos melhor biológica, e como uma força psicológica, ou, mais particularmente, sentimental, contra as quais nenhum outro elemento pôde prevalecer. Contra as quais nenhum outro elemento teve sequer o vigor necessário para lutar com vantagem. Porque ela foi ativa e criadora; às vezes até agressiva (FREYRE, 2010, p. 26).

Canclini (2015) em **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e sair da Modernidade** destaca os papéis de subjugador/sujeito e subordinado/objeto estabelecidos pelo hibridismo cultural:

Se falamos da hibridação como um processo ao qual é possível ter acesso e que se pode abandonar, do qual podemos ser excluídos ou ao qual nos podem subordinar, entenderemos as posições dos sujeitos a respeito das relações interculturais. Assim se trabalhariam os processos de hibridação em relação à desigualdade entre as culturas, com as possibilidades de apropriar-se de várias simultaneamente em classes e grupos diferentes, e portanto, a respeito das assimetrias do poder e do prestígio (CANCLINI, 2015, p. 26).

Atualmente, nos deparamos com a mundialização, a globalização da cultura. Entretanto, não podemos afirmar que relações culturais mais equitativas vêm sendo construídas ou que múltiplos centros de produção cultural alcançaram visibilidade. A geopolítica mundial da literatura ainda é assimétrica e estabelece como central a cultura considerada como dominante (posição ocupada pela literatura europeia ocidental) e, como periférica, a cultura das regiões colonizadas por esses ditos dominantes (espaço delegado à América Latina e à África). O colonizado é considerado o outro.

De acordo com Martin Repinecz (2019), em seu artigo “Raza or Race? Remembering Slavery in Equatorial Guinean Literature”, a Guiné Equatorial é o único país subsaariano falante de espanhol. O povo guineense almeja integrar e ser reconhecido como parte da comunidade de língua espanhola, porém a Espanha não tem interesse que isso ocorra, como nota-se no trecho abaixo:

The efforts of Equatorial Guinean writers to claim belonging in a transnational, Spanish-speaking community are largely due to the limited global visibility of Equatorial Guinean literature today. At the same time, such efforts also invite reflection on how these writers’ vision of a global Hispanophone identity resembles or deviates from historical theories of Hispanic belonging (REPINECZ, 2019, p.121)⁹.

⁹ Os esforços dos escritores da Guiné Equatorial para reivindicar o pertencimento a uma comunidade transnacional de língua espanhola

devem-se, em grande parte, à visibilidade global limitada da literatura da Guiné Equatorial hoje. Ao mesmo tempo, tais esforços também convidam à reflexão sobre como a visão desses



O autor ressalta a importância da colonização e da escravidão na formação do povo guineense, bem como na herança cultural compartilhada pelos povos de língua espanhola, como revela o seguinte excerto:

Yet, as I argue in this study, several Equatorial Guinean writers, including Donato Ndong-Bidyogo, Francisco Zamora Lobo and Juan Tomás Ávila Laurel, aim to revise historical articulations of Hispanic identity by underscoring the pivotal role that the transatlantic slave trade played in its formation. For these writers, the memory of slavery must be recognized as an integral part of the shared heritage of the Spanish-speaking world. By exposing the racial trauma that earlier theories of hispanismo obscured, these writers envision a global Hispanophone identity that can be disentangled from its colonial roots (REPINECZ, 2019, p.122)¹⁰.

Canclini vai além do processo de colonização enquanto apenas formador de uma cultura miscigenada e aponta para a assimetria do prestígio e do poder dentro das relações interculturais. De um lado está o subjugador/sujeito/colonizador e, do outro, o subordinado/objeto/colonizado):

escritores acerca de uma identidade hispanófono global se assemelha ou se desvia das teorias históricas de pertencimento hispânico (REPINECZ, 2019, p.121, tradução nossa).

¹⁰ No entanto, como argumento neste estudo, vários escritores da Guiné Equatorial, incluindo Donato Ndong-Bidyogo, Francisco Zamora Lobo e Juan Tomás Ávila Laurel, pretendem revisar as articulações históricas da identidade hispânica, ressaltando o papel central que o comércio

“(...) a mestiçagem situa-se atualmente na dimensão cultural das combinações identitárias” e que “A cor da pele e os traços físicos continuam a pesar na construção ordinária da subordinação para discriminar índios, negros ou mulheres” (CANCLINI, 2015, p. 28).

O pesquisador Renato Cordeiro Gomes, autor do artigo: “De uma província ultramarina à Cosmópolis: uma aventura e um ideal para Silviano Santiago”, presente nos Cadernos de Estudos Culturais da UFMS, compara o entre-lugar à terceira margem, a um local de onde o ponto de vista pode se deslocar para outros lugares, onde ocorre a diversidade, o contato crítico com outras culturas (GOMES, 2014, p.125).

O artigo **Convivência Conflitiva**, presente no volume de 2020 da revista *Aletria*, é de autoria de Wander Melo Miranda, e traz o entre-lugar como elemento combativo ao espaço hierárquico ocupado pelas obras e como revelador das estruturas de dominação promovidas por essa hierarquia literária (MIRANDA, 2020, p. 17-29). Repinecz menciona o hispanismo como uma forma de racismo disfarçado,

transatlântico de escravos desempenhou em sua formação. Para esses escritores, a memória da escravidão deve ser reconhecida como parte integrante da herança compartilhada do mundo de língua espanhola. Ao expor o trauma racial que as teorias anteriores do hispanismo obscureceram, esses escritores vislumbram uma identidade hispanófono global que pode ser desvinculada de suas raízes coloniais (REPINECZ, 2019, p.122, tradução nossa).



uma vez que reforça a diferença entre espanhóis e africanos:

Yet, despite the repeated assertions that the idea of a Hispanic raza was free of racial ideology, several critics have demonstrated that theories of hispanismo masked an underlying racism. For example, Unamuno's vision of the Hispanic raza as based only on language rather than on racial heritage was contradicted by his negative treatment of African and Afro-Latin cultures in numerous writings, a pattern which he only reversed a few years before his death (REPINECZ, 2019, p.123)¹¹.

Logo no início do artigo “A sociologia e o entre-lugar”, que também integra o volume de 2020 da Revista **Aletria**, a autora Elide Rugai Bastos traz uma das grandes questões do escritor proveniente de países colonizados: ele busca seu lugar em um panorama intelectual que o posiciona como um portador de valores culturais não provenientes dos centros civilizados, o que confere a ele e à sua obra pouca credibilidade, e os coloca em um lugar de indecisão no cenário cultural mundial (BASTOS, 2020, p.31-43).

Os valores do colonizador, impostos por meio de poder ou força, acabam por integrar a vida do colonizado. A pluralidade

cultural com a qual convive o escritor africano, o fato de viver em um país, um continente economicamente inferior, apesar de estar no hemisfério ocidental, são fatores que influenciam diretamente em sua escrita (e também em seu comportamento, pensamento, vivência).

Soma-se a isso a classificação dos guineenses como apátridas ou europeus de segunda geração. Terminologias preconceituosas e que levam ao entendimento de que são pessoas que não pertencem a nenhum país, embora tenham nascido na Europa. Em seu artigo “*La búsqueda de identidad del ser apátrida ecuatoguineano en Heredarás la tierra de Edjanga Jones Ndjoli*”, Ana Zapata-Calle explica o sentimento de inferioridade e todos os obstáculos enfrentados por parte daqueles que são apontados como outro, como diferente ao serem designados por esses termos:

Por otro lado, se interconecta con otros escritores afrodescendientes que, independientemente del origen de sus familias, exponen los conflictos y las vicisitudes que viven los afro-europeos que han sido llamados «de segunda generación», terminología criticada por posicionar a los afro-descendientes en Europa como apátridas, aunque hayan

¹¹ Todavia, apesar das repetidas afirmações de que a ideia de uma raça hispânica estava livre de ideologia racial, vários críticos demonstraram que as teorias do hispanismo mascaravam um racismo subjacente. Por exemplo, a visão de Unamuno da raça hispânica baseada apenas na língua e não na herança racial foi

contrariada por seu tratamento negativo das culturas africana e afro-latina em numerosos escritos, um padrão que ele só reverteu alguns anos antes de sua morte (REPINECZ, 2019, p.123, tradução nossa).



nacido em Europa (ZAPATA-CALLE s/d, p. 318)¹².

Ambas as obras analisadas tratam de personagens que enfrentam o fato de se encontrarem no meio de duas nacionalidades, no entre-lugar de duas culturas distintas, o que as caracterizaria, de uma forma preconceituosa, como apátridas ou europeus de segunda geração. A personagem principal do livro de Lucía Mbomío, Sandra, enfrenta questões que poderiam ter sido perfeitamente vividas pela autora, uma guineense filha de pai africano e mãe espanhola, que desde criança, aprendeu e vivenciou duas culturas, como afirma Zapata-Calle:

Lucía Asué Mbomío Rubio (n.1981), hija de guineano y madre española, quien, a partir de entrevistas, expone las dificultades que tuvieron que atravesar las parejas birraciales en la sociedad de finales del franquismo en España en su libro *Las que se atrevieron* (2017). Esta misma escritora publica la novela *Hija del camino* (2019) desde la perspectiva de una mujer joven afro-española que pasa temporadas en Madrid, Guinea

¹² Por outro lado, está interligado com outros escritores afrodescendentes que, independentemente da origem de suas famílias, expõem os conflitos e vicissitudes vivenciados pelos afro-europeus que têm sido chamados de "segunda geração", terminologia criticada por posicionar os afrodescendentes como apátridas na Europa, ainda que tenham lá nascido (ZAPATA-CALLE, s/d, p.318, tradução nossa).

¹³ Lucía Asué Mbomío Rubio (n.1981), filha de pai guineense e mãe espanhola, que, a partir de entrevistas, expõe as dificuldades que tiveram que atravessar os casais birraciais na sociedade dos anos finais do franquismo na Espanha, em

Ecuatorial e Inglaterra, tratando de vislumbrar su identidade (ZAPATA-CALLE s/d, p.322)¹³.

A protagonista Sandra apresenta uma identidade complexa, pois embora tenha vivenciado duas culturas, não se sente pertencente a nenhuma delas, sentimento que caracteriza os apátridas, de acordo com Zapata-Calle: “Es decir, muchos de estos jóvenes afro-europeos han experimentado y aprendido dos culturas que han dado forma a su identidad: la europea en la calle y la africana en sus casas. Sin embargo, no se sienten ni africanos, ni europeos, sino apátridas (ZAPATA-CALLE, s/d, p.325)¹⁴”.

Também nas obras dos dois autores é explícita a relação dúbia com a Espanha, que perpassa sentimentos antagônicos: “En común, con todos estos fenómenos, una relación compleja con España, de amor y odio, de silencio por parte de España y de discursos encontrados por parte de Guinea “Em outras palavras, muitos desses jovens afro-europeus vivenciaram e aprenderam duas culturas que moldaram sua identidade: a europeia na rua e a africana em casa. Entretanto, eles não se sentem nem

seu *Las que se atrevieron* (2017). Essa mesma escritora publica o romance *Hija del camino* (2019) na perspectiva de uma jovem afro-espanhola que passa temporadas em Madri, Guiné Equatorial e Inglaterra, tentando vislumbrar sua identidade (ZAPATA-CALLE, s/d, p.322, tradução nossa).

¹⁴ Em outras palavras, muitos desses jovens afro-europeus vivenciaram e aprenderam duas culturas que moldaram sua identidade: a europeia na rua e a africana em casa. Entretanto, eles não se sentem nem africanos nem europeus, mas sim apátridas (ZAPATA-CALLE, s/d, p.325, tradução nossa).



africanos nem europeus, mas sim apátridas” (ZAPATA-CALLE, s/d, p.327)¹⁵.

Além das questões identitárias presentes na obra de Laurel, do sentimento de não pertencer a nenhum lugar, comum aos personagens de **The Gurugu Pledge**, como lê-se na passagem: “Yo ya non tengo país, me dijeron que una vez cerca de la frontera, no tengo país, soy um simple negro” (LAUREL, 2017, p.75)¹⁶, o autor aponta para as duas faces da alteridade: a negativa, ser considerado apátrida em sua terra natal; e a positiva, integrar uma comunidade transnacional na qual um grande laço de solidariedade envolve todos aqueles que nela se encontram, embora haja inúmeros obstáculos a serem transpostos.

Destarte, com base na pesquisa e análise realizadas para a elaboração desse artigo, é possível compreender que, não obstante toda a tentativa de apagamento e silenciamento, o escritor do entre-lugar produz literatura e cultura próprias, realizadas a partir da vivência de dois mundos opostos. Portanto, a literatura escrita por Mbomio, Laurel e tantos outros autores de ascendências distintas ocupa o entre-lugar e merece alcançar o espaço de reconhecimento que leva as suas obras para além da comparação preconceituosa com as obras escritas por autores europeus.

¹⁵ Em comunhão com todos estes fenômenos, uma relação complexa com a Espanha, de amor e ódio, de silêncio por parte da Espanha e dos discursos encontrados por parte da Guiné. (Zapata-Calle, s/d, p.317, tradução nossa).

Conclusão

As culturas diaspóricas enfrentam as sequelas de eventos históricos como colonização e escravidão que marcaram de forma irreversível os habitantes de suas nações. Todo o peso de carregar os traços de duas etnias de raízes distintas reflete-se no sentimento de não-pertencimento a nenhuma delas, o que gera a sensação de ser apátrida, de não se encaixar em nenhuma nacionalidade.

Além disso, o preconceito proveniente da cultura dominante e sofrido pelas ex-colônias transparece na literatura dos escritores africanos de língua espanhola, como os autores das obras pesquisadas: Juan Tomás Ávila Laurel e Lucía Mbomio.

A escrita de Laurel e Mbomio deixa transparecer questões presentes na vida dos autores que acabam por serem transportadas para sua escrita. Em seus textos, encontra-se a eterna busca pela identidade, que se reflete em uma escrita que se coloca no entre-lugar de duas culturas distintas: a africana e a europeia.

Dessa forma, é possível entender que estar no entre-lugar é enfrentar a tentativa de estigmatização da alteridade e da diferença, além de afastar, também, a inocente visão unilateral da colonização e escravidão, na qual os países colonizadores são os únicos a influenciarem e

¹⁶ Eu já não tenho país, me disseram uma vez, próximo à fronteira, que não tenho país, sou um simples negro (LAUREL, 2017, p.75, tradução nossa)



transmitirem seus signos e cultura. A relação inversa também ocorre e os países colonizados acabam por inspirar a metrópole com seus costumes e produção intelectual.

Por esse motivo, escritores guineenses clamam pela visibilidade de suas obras, por reconhecimento e pertencimento a uma comunidade hispanófono, como aponta Repinecz:

Given the racist roots of historical articulations of a transnational Hispanic identity, for several post-independence Equatorial Guinean writers, the project of claiming visibility, recognition or belonging in a global Hispanophone community requires a renewed awareness of the violent history of slavery and its legacies (REPINECZ, 2019, p.123)¹⁷.

Nesse sentido, compreende-se que as marcas provocadas pela colonização e pela escravidão transformaram profundamente a vida dos habitantes dos países colonizados. Além de enfrentar questões como o sentimento de não pertencimento a nenhuma de suas duas raízes culturais, lutar contra a estigmatização por parte dos países europeus, o preconceito racial e a

classificação como apátridas ou europeus de segunda geração, existe, ainda, o combate ao endorracismo, o que provoca a desunião de um mesmo povo, como denuncia Lucía Mbomío (2019) em **Hija del Camino**.

Repinecz (2019) chama a atenção para ações fundamentais para que a literatura guineense de língua espanhola e todas as demais literaturas que habitam o entre-lugar de culturas distintas alcancem a visibilidade da qual são merecedoras: “in other words, it must treasure and preserve the nation’s oral traditions, while also rediscovering a feeling of shared heritage and common purpose with other Afro-Hispanic identities and experiences (REPINECZ, 2019, p.123)¹⁸.

Por conseguinte, é possível concluir que a literatura produzida por escritores como Juan Tomás Ávila Laurel e Lucía Asué Rubío Mbomío pode ser considerada como a representação da vida de seus autores, uma longa travessia, a eterna busca pela identidade e por laços de pertencimento, a jornada que percorrem, desde seu nascimento, com o objetivo de não mais serem apontados como o outro, mas de se tornarem e se reconhecerem como sujeitos.

¹⁷ Dadas as raízes racistas das articulações históricas de uma identidade hispânica transnacional, para vários escritores da Guiné Equatorial pós-independência, o projeto de reivindicar visibilidade, reconhecimento ou pertencimento a uma comunidade hispanófono global requer uma consciência renovada da história violenta da

escravidão e seus legados (REPINECZ, 2019, p.123, tradução nossa).

¹⁸ Em outras palavras, é preciso valorizar e preservar as tradições orais, enquanto também se redescobre um sentimento de herança partilhada e propósito comum com outras identidades e experiências afro-hispânicas (REPINECZ, 2019, p.123), tradução nossa).



REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, Elide Rugai. “**A sociologia e o entre-lugar**” *Aletria: revista de estudos de literatura*, Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras da UFMG, v. 30, n. 1, 2020, p.31-43.
- CALLE, Ana zapata. En: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/2261/1/CIEA7_25_TOASIJ%20La%20africanidad%20de%20Espana%20b1a%20memoria%20y%20reconocimiento.pdf [fecha de acceso: 2.6.2022]
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- LAUREL, Juan Tomás Ávila. **The Gurugu Pledge**. And Other Stories, 2017.
- GOMES, Renato Cordeiro. “De uma província ultramarina à Cosmópolis: uma aventura e um ideal para Silviano Santiago” *Cadernos de Estudos Culturais*. Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, v. 6, n. 11, 2014, p. 123-142.
- MANCHAK, Gabriela y COPI, Lygia Maria (2022). **O direito à nacionalidade dos apátridas em face do Princípio da Soberania**. PERIPILOS, Revista de Investigación sobre Migraciones, 6(1), 123-147.
- MBOMÍO Lucía Asué Rubío. **Hija del camino**. Grijalbo, 2019.
- MENEZES, Lená Medeiros de (2018). **Refúgio no Brasil no Pós-Segunda Guerra: A Ilha das Flores como lugar de acolhimento e representação do Paraíso**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, 3(7). 109-125.
- MIRANDA, Wander Melo. “**Convivência Conflitiva**” *Aletria: revista de estudos de literatura*, Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras da UFMG, v. 30, n. 1, 2020, p. 17-29.
- PINEDA G, Esther. **Racismo, endorracismo y resistencia**. Caracas: Editorial el Perro y la Rana, 2017.
- REPINECZ, Martin. **Raza or Race?** Remembering Slavery in Equatorial Guinean Literature. *Hispanic Studies Review* - Vol. 4, No. 1 (2019): 121-135.
- SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Recife: Cepe, 2019.

LUMEN ET VIRTUS
REVISTA INTERDISCIPLINAR
DE CULTURA E IMAGEM

VOL. XIV N° 36 JULHO-DEZEMBRO/2023
ISSN 2177-2789



ⁱ Aluna do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Linha de pesquisa: Literatura, Crítica e Cultura. Mestra em Estudos Literários pelo mesmo programa.